

GUERRA E PAZ NO SERTÃO BRASILEIRO:
NATUREZA E HISTÓRIA SOCIAL NA OBRA DE EUCLIDES DA CUNHA
(*OS SERTÕES*)

Rogério Cordeiro
Professor Adjunto de Literatura Brasileira – UFV

Aqueles que já leram *Os sertões* (1902) são levados a observar que ali existe um método de composição rigoroso, um senso de equilíbrio e controle, e isso se deve à organização formal do livro. Inspirado pela idéia de promover o “consórcio da ciência e da arte”¹, Euclides da Cunha imaginava desempenhar o papel de um “polígrafo”, unindo, “numa síntese mais delicada”, pressupostos (no campo do conhecimento e no da linguagem) díspares. Aceitando isso, podemos partir do princípio de que Euclides desenvolveu um certo tipo de *pensamento formal*, no qual a linguagem produz as mediações necessárias a realizar tal síntese. Dizendo de outro modo, é a partir de seu estilo de escrita que podemos alcançar o núcleo duro de seu pensamento, e o que ele nos revela é uma tese imaginativa e ao mesmo tempo provocativa sobre a guerra de Canudos.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que essa guerra – que ocorreu no sertão baiano entre 1896-1897 – representa um marco na história social do país porque expôs em carne viva as fraturas de um regime político que já nascera prenhe de contradições. Sabe-se que o governo republicano procurou superar uma crise que chegava a ser institucional, no entanto ele a aprofundou. Também se sabe que, quando Euclides da Cunha parte para o local do conflito, ele já tinha uma idéia formada sobre o episódio,² considerando seriamente a idéia de que os sertanejos tinham ambições restauradoras e trabalhavam para derrubar o regime, embora, ao voltar, reconsiderasse a hipótese inicial e visse nos sertanejos o “cerne vigoroso de nossa nacionalidade”.³

Dito isto, e indo direto ao ponto que interessa, entre o seu início e o seu fim, a guerra passou a ser considerada por Euclides como a chave de um enigma: por que e

como um exército treinado dentro de planejamento tático bem estudado e armado com a artilharia mais moderna e destruidora do mundo, sofreu sucessivas derrotas de um grupo de sertanejos pobres, sem treinamento, usando pedras e cacos como munição? Para alcançar o sentido deste questionamento, é preciso levar em conta as considerações feitas acima e procurar analisar suas conseqüências a partir da lógica de pensamento de Euclides, lógica essa que se traduz em um método de composição, um estilo de escrita. Tal lógica consiste em procurar abstrair a forma dos fenômenos para compreendê-los em movimento, afastar-se da imediatez para vê-la em formação. Observe-se esta passagem em que se procura descrever a natureza física do sertão.

Vê-se, do fato, que três formações geognósticas díspares, de idades mal determinadas, aí se substituem, ou se entrelaçam, em estratificações discordantes, formando o predomínio exclusivo de umas, ou a combinação de todas, os traços variáveis da fisionomia da terra. (p. 96)

O que [as paisagens] denunciam é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas.

As forças que trabalham a terra atacam-na na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região. (p. 105)

Note-se que a descrição da natureza obedece um sentido de organização do pensamento, voltado a analisar seu objeto demarcando-lhe a forma: a natureza é apresentada como algo dotado de uma força interior, uma força de contrastes. A descrição da aparência física da paisagem não esgota o interesse de Euclides; ele se interessa mais por sua forma interior. Por outro lado, para que essa forma interior da natureza adquira expressividade e se faça presente na imaginação do leitor, é preciso que a linguagem que estrutura o discurso textual a mimetize e passe a representar esse movimento de forças contrárias. Para tal, Euclides elabora uma narrativa cheia de idéias, conceitos e termos antitéticos (frio/quente, forte/fraco, queimar/gelar, fulgurar/extinguir, quietude/agitação, audacioso/apavorado, perseguir/fugir, agilidade/apatia, ativo/passivo etc.), acentuando, inclusive, o valor de palavras que denotam contradição e movimento (conflito, antinomia, antítese, antagonismo, contrabater, disparidade, hibridez, unidade,

dinamismo, extremos, contraste, dinamismo, sotopor, anticlinal etc.). Existe aqui uma junção perfeitamente entrelaçada de imaginação pensante e objeto pensado, porque não se trata somente de um estilo de pensamento ou de escrita, mas de como a *forma* deste estilo decalca a *forma* do objeto que descreve e analisa. Portanto, antes de constituir um método de composição, o choque de forças contrastantes é uma qualidade da natureza: “a natureza compraz-se em um jogo de antíteses”. (p. 128) A lógica do pensamento de Euclides da Cunha consiste exatamente nisto: observada a natureza, encontrada sua qualidade essencial, a narrativa a revela como manifestação de uma forma, e, por fim, mimetiza essa forma no plano textual. Dizendo o mesmo de outro modo, a forma da natureza (uma forma marcada pelo choque de forças opostas) constitui uma protoforma da forma literária, isto é, antes de existir como estilo, a forma textual de *Os sertões* já existe na natureza.

Mas o problema não se esgota neste ponto, porque, como se trata de uma lógica formal do pensamento, podemos inferir que a análise de outros temas analisados na argumentação euclidiana se encontra submetida ao mesmo princípio estruturador. Tomemos um único exemplo: a tipologia do homem brasileiro que Euclides procura especificar. Adotando a idéia de que fomos formados a partir da reunião de três raças, ele conclui: “o brasileiro, tipo abstrato que se procura, só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo. Os elementos essenciais [as três raças] não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subformações”. (p. 139) Observa-se aqui o desenvolvimento do mesmo estilo de pensamento analisado atrás; um pensamento que identifica, realça e dá forma às contradições. A análise feita por Euclides da Cunha a respeito dos objetos que descreve depende disso e leva à construção de *imagens conceituais* que unificam esses objetos – pois, tal como a natureza, o homem do sertão (símbolo da nacionalidade) resulta de “um jogo permanente de antíteses”. (p. 167) As relações entre homem e natureza se dão, portanto, em dois níveis diferenciados: no

plano da experiência histórico-social e no plano da organização do pensamento. Podemos dizer, então, que assim como a natureza, a tipologia do homem constitui a protoforma da forma do pensamento euclidiano e, conseqüentemente, da forma textual de sua escrita. Trata-se aqui de um paradoxo intrincado: de um lado, a forma do objeto de análise precede e produz a forma textual, por outro lado – outro lado do mesmo processo – a apresentação formal da análise do objeto não existiria se não fosse pela forma textual. Essa unidade no método de observação e análise é o que caracteriza o pensamento formal de Euclides da Cunha como tal.

Saindo dessa digressão teórica, voltemos ao texto para ver as conseqüências dessa fusão entre homem e natureza.

Perfeita tradução moral dos agentes físicos de sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de revezes. Afez-se, cedo, a encontra-los, de chofre, e a reagir, de pronto.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incomensurável, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que não se deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendidos, sob o reverberar dos estios abrasantes.

É inconstante como ela [a natureza]. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela [a natureza] talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto. (p. 173-174)

Não é somente no plano do enunciado que temos exemplos suficientemente convincentes da fusão imagética entre homem e natureza, como se um fosse o desdobramento (a “tradução moral”) da outra. Quando se observa a passagem acima com a preocupação voltada para a construção formal desses dois elementos e para as relações estabelecidas entre eles, vemos que a tal fusão é perfeita: ambos – homem e natureza – se completam, formando uma imagem única, porque são pensados a partir de uma mesma lógica – um método – que explora as contradições internas de um objeto, criando, assim, a idéia de uma transformação mútua e constante.

Isso exposto, deve-se voltar à pergunta que ocupou lugar central no pensamento de Euclides da Cunha: como um grupo de homens mal preparados militarmente conseguiu resistir tanto tempo aos ataques organizados do exército? A resposta que oferece é desconcertante: o grau profundo de ligação e intimidade entre o sertanejo e a natureza que serviu de cenário para a guerra – como se a força do primeiro nascesse da segunda, nela se refletisse e para ela retornasse – foi decisivo para as viravoltas da guerra.

As caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas múltiplas, para o matuto que ali nasceu e cresceu.

E o jagunço faz-se o guerrilheiro-*thug*, intangível.

As caatingas não o escondem apenas, amparam-no. (p. 251)

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro [o exército], impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, refluí à retarguada, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzado fazendo vacilar a marcha dos exércitos. (p. 255)

A natureza, portanto, revela-se aliada do sertanejo, uma aliada poderosa que impõe ao inimigo superior, derrotas vergonhosas que reduziram a trapo alguns dos mais poderosos batalhões do exército brasileiro:

Era um desfilar cruel. Oficiais e soldados, uniformizados pela miséria, vinham indistintos, revestidos do mesmo fardamento inclassificável: calças em fiapos, mal os resguardando como tangas; camisas estraçoadas; farrapos de dólman sobre os ombros; farrapos de capotes, em tiras, escorridos pelos torsos desfibrados, dando ao conjunto um traço de miséria trágica. Coxeando, arrastando-se penosamente, em cambaleios, titubeantes e imprestáveis, traziam no escavado das faces e na atitude dobrada um traço comovente da campanha. Esta desvendava pela primeira vez a sua feição real, naqueles corpos combalidos, varados de bala e de espinhos, retalhados de golpes. (p. 408)

Sistematizando um pouco, digamos então que Euclides da Cunha construiu um pensamento complexo, voltado para o esforço de identificar e analisar corpo e alma do Brasil e não para o desenvolvimento de uma especulação teórica: a identidade formal entre homem e natureza dá lastro para que se compreenda o desenvolvimento de um

certo tipo de sociabilidade e explica – a partir de uma lógica muito própria – que a guerra de Canudos era mais do que uma campanha militar, revelando-se o ponto de encontro e conflito entre duas formas distintas de representação da nacionalidade: a dos sertanejos, que apartados do progresso e da modernização, conservavam “as tradições do passado” (p. 166), e a da República, que promovendo justamente o progresso e a modernização que alijavam os sertanejos, nos iludia com “uma civilização de empréstimo”. (p.231)

Como se pode ver, a tese euclidiana possui um alcance largo e profundo, oferecendo uma resposta pretensiosa para a pergunta formulada: o que estava em jogo naquela guerra era a imagem e o destino da Nação. Para nosso escritor, a República não reverteu – aliás, aprofundou – a alienação que tínhamos de nós mesmos, insistindo nos impasses que dificultavam nosso processo de formação e até criando outros. A modernização anunciada pelo Segundo Reinado, continuada pela República e que vinha como herança do período colonial, mostrou-se comprometida com a construção de uma imagem do país que era a cópia da imagem que se tinha da Europa: “respingando, em faina de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade.” (231)

Ora, se então a guerra era o ponto de partida para a reconstrução de uma idéia de nacionalidade, eram então os sertanejos – pelas razões já apontadas e analisadas – que melhor traduziam a Nação e não a República. No entanto – se não se perde de vista o horizonte histórico – a República venceu o conflito, arrasou a terra e dizimou os sertanejos. Essa vitória final pode ser entendida – seguindo a linha de raciocínio desenvolvida até aqui – como sinal de algo mais grave: com a vitória do mundo do progresso e da civilização (que herdamos sem o vivermos de fato) sobre o mundo da tradição pura que existe em comunhão com a natureza, a vitória da República representou o abafamento do único suspiro de nacionalidade que tínhamos. Em outras palavras, o tipo de modernização adotado pelo Brasil (baseado na exclusão e na

repressão) teve como consequência menos imediata, embora bastante eficaz, a redução a um grau mínimo de consciência de Nação: trata-se aqui da vitória de algo que não chegamos a ser sobre algo que deixamos de ser.

Essa última inferência sobre o texto de Euclides talvez revele sua lição mais incisiva: a interdependência entre história social e natureza forma uma síntese da imagem do país e um caminho hermenêutico bastante complexo e pertinente para o seu conhecimento.

¹ Cunha, Euclides da. “Carta a José Veríssimo – dez. 1902” In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 621.

² Ver o artigo “A nossa Vendéia” publicado no jornal *O Estado de São Paulo* (14 de março e 17 julho de 1897) reunido em *Obra completa*, vol. 2, p. 575-582.

³ Cunha, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*, vol. 2, p. 187. De agora em diante, as citações deste livro serão feitas no corpo do trabalho, com indicação da página.